

**FRAGMENTOS DA ESCRITA DA HISTÓRIA DE HANNAH ARENDT: ANÁLISE DO CONTADOR DE HISTÓRIAS EM *A CONDIÇÃO HUMANA* (1958), *O CONCEITO DE HISTÓRIA – ANTIGO E MODERNO* (1958) E *A QUEBRA ENTRE O PASSADO E O FUTURO* (1961)**

**FRAGMENTS OF THE HISTORY WRITING BY HANNAH ARENDT: ANALYSIS THE STORYTELLER IN *THE HUMAN CONDITION* (1958), *THE CONCEPT OF HISTORY – ANCIENT AND MODERN* (1958) AND *THE GAP BETWEEN PAST AND THE FUTURE* (1961)**

Jaciel Rossa Valente

Mestrando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) Bolsista CNPq.

**Resumo:** O presente ensaio aborda a metáfora do contador de histórias de Hannah Arendt. A suspeita que rege a pesquisa é que tal metáfora contém fragmentos da escrita da história de Arendt. Para desdobrar tal hipótese, analisamos três textos da pensadora: *A condição humana*, *A quebra entre o passado e o futuro* e *O conceito de História – Antigo e Moderno*. A problemática que tangencia nossa pesquisa é quais são as principais características do contador de histórias de Arendt? E quais suas contribuições para a compreensão da escrita da história da pensadora? Dessa forma, objetivamos mapear e analisar as características do contador de histórias e verificar suas contribuições para a compreensão da escrita da história da autora. Nossa análise esteve calcada na operacionalização dos seguintes conceitos koselleckianos: *Ausgrenzung*, *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*. Os principais resultados podem ser divididos nos seguintes eixos: concepção de sujeito e do contador de histórias, objetivo e localização do contador, finalidade da narrativa e contribuições para o entendimento da escrita da história.

**Palavras-chave:** Contador de histórias; Escrita da história; Hannah Arendt; Lacuna; Ruptura.

**Abstract:** The present essay approaches the storyteller metaphor of Hannah Arendt. The suspect that conducts the search is that their metaphor contains fragments of the history writing by Arendt. To this hypothesis, we analyse three texts of thinker, *The human condition*, *The gap between past and the future* e *The concept of History – Ancient and Modern*. The problem that covers the search is what are the mean characteristics about the storyteller of Arendt? And what are the contributions to comprehension of history writing of the thinker? Therefore, we objectively map and analyze the characteristics of the storyteller. Our analyse was established in operationalization of concepts *Koselleck: selection, experience space* and *horizon of expectation*. The mean results can be divided into the axis: conception of subject and storyteller, objective and location of the teller, purpose of the narrative, and contributions to the understanding of history writing.

**Keywords:** Storyteller; History writing; Hannah Arendt; Gap; Rupture.

## Introdução

O ensaio em tela inicia ressaltando a você, caro leitor, que não encontrará uma discussão propriamente sobre a escrita da história de Hannah Arendt. Nossa temática se configura como exploratória de aspectos temáticos que circundam a noção de escrita da história de Arendt. Partimos da hipótese que as características do contador de histórias presentes em *A condição humana* (2019), nos ensaios *A quebra entre o passado e o futuro* (2016a) e *O conceito de História – Antigo e Moderno* (2016b)<sup>1</sup> comportam fragmentos significativos para futuras pesquisas que almejam a compreensão da escrita da história da autora.

Destarte, problematizamos quais são as principais características do contador de histórias de Hannah Arendt nas fontes selecionadas? E quais suas contribuições para a compreensão da escrita da história de Arendt? Dessa forma, objetivamos: a) mapear as características do contador de história e; b) analisar as características levantadas e suas contribuições para a compreensão da escrita da história da autora.

De modo panorâmico, nosso quadro está dividido em três focos. O primeiro, diz respeito aos biógrafos de Arendt que se empenharam em mapear a trajetória de vida e obra da pensadora; segundo se refere aos comentadores arendtianos, os quais, com exceção de Celso Lafer, são todos historiadores; terceiro, autores preocupados na discussão sobre a escrita da história.

Para levar a cabo esta empreitada, partimos do pressuposto que as fontes e a metáfora do contador de histórias são um núcleo de *tempo histórico*. De acordo com Koselleck (2006a, p. 16), “no processo de determinação da distinção entre passado e futuro, ou, [...], entre experiência e expectativa, constitui-se algo como um ‘tempo histórico’”. Noutras palavras, o *tempo histórico* é o fragmento que une evento e estrutura, inovação e permanência, experiência e expectativa e experiências alheias e próprias. Isso possibilita tratar as fontes e a metáfora como detentoras de *estratos de tempo*.

Os *estratos de tempo* ou *estratos de experiências* são uma metáfora heurística cunhada por Koselleck que “permite separar analiticamente os diversos planos temporais em que as pessoas se movimentam, os acontecimentos que desenrolam e os pressupostos de duração mais longa são investigados” (KOSELLECK, 2014, p. 19). Noutras palavras, o *tempo histórico* contido em uma

---

<sup>1</sup> Ambos os ensaios citados estão contidos no livro *Entre o passado e o futuro* publicado em 1961.

fonte, metáfora ou conceito detém a unidade do presente que o concebeu. Significa que reúne as experiências do passado (alheias e próprias) e as expectativas do futuro que existiam naquele *agora*. Dessa forma, *estratos de tempo* significa o diálogo entre diferentes temporalidades e pessoas em um *tempo histórico*.

Indicado nosso pressuposto inicial, conduzimos a análise por meio da operacionalização de três conceitos – advindos da *Begriffsgeschichte* (história dos conceitos) –, sendo respectivamente: *Ausgrenzung* (seleção), *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*. O primeiro indica separação/seleção “daquilo que diz respeito a um conceito daquilo que não diz respeito” (KOSELLECK, 1992, p. 137) por meio da língua. Assim, mapeamos todos os aspectos que estão ligados diretamente a metáfora do contador de estórias. Após termos aplicado esse conceito, passamos para o uso das categorias *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*. Por *espaço de experiência* Koselleck (2006b, p. 309) entende o “passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento”. Refere-se ao passado que repercute no presente. Diz respeito às experiências alheias que passam e as vividas pelo sujeito que se encontram gravadas na semântica. Já por *horizonte de expectativa* Koselleck (2006b, p. 311) se entende “aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado”. Refere-se ao futuro-presente, no qual os prognósticos e as expectativas quanto ao futuro já se fazem presentes no agora e o afetam. Ambas as categorias possibilitam uma das fontes e metáfora de modo fluído. Ao invés de serem objetivas, se comportam como ondas que vêm e vão revelando pequenos fragmentos ocultos pelo mar.

O ensaio está dividido em: a) mapeamento do espaço de experiência das fontes; b) a revelação do contador de estória e seu intuito; c) a constatação de ruptura de Arendt; d) o movimento do contador na lacuna e; e) nas considerações finais, expomos as contribuições da análise do contador de estória para o entendimento da escrita da história de Arendt.

### **Espaço de experiência na déc. de 1950**

*A condição humana* (2019) publicada em 1958 e *Entre o passado e o futuro* (2016a; 2016b) publicado em 1961<sup>2</sup>, estão inseridos em um momento chave da vida de Hannah Arendt. Situam-se entre o sucesso de *Origens do Totalitarismo* de 1951 e as reflexões polêmicas de *Eichmann em Jerusalém* de 1963. Dessa forma, o período de gestação de ambas as fontes são as experiências da década de 1950.

O estrato de experiência que se destaca nesse período é a ascensão acadêmica de Arendt nos Estados Unidos, fruto do sucesso de *Origens*. Ainda em 1951, Arendt sinalizou a iniciativa de escrever um livro intitulado *Os elementos totalitários no marxismo*, o qual não progrediu. De acordo com Bruehl (1997, p. 256),

tudo o que Arendt escreveu entre 1952 e 1956 estava destinado originalmente ao livro sobre o marxismo. O próprio livro nunca foi escrito. Os ensaios sobre 'A grande tradição' foram incorporados a *Entre o passado e o futuro*, e a análise de Marx foi transformada no estudo sobre labor, trabalho e ação em *A condição humana*.

A iniciativa de Arendt em 1951 não chegou a ser finalizada, mas suas reflexões desse período se esfacelaram em pequenos excertos esparsos em notas, artigos e livros publicados em vida. Enquanto outros, permaneceram inéditos, sendo reunidos após seu falecimento sob o título *O que é política?* (ADLER, 2007, p. 340).

Gostaríamos de chamar a atenção para um ponto da fala de Bruehl que indica o caráter seriável que está no cerne de nossas fontes. Primeiro, o espaço de experiência de Arendt na década de 1950 a levou a pensar, em termos de projetos, um livro sobre o marxismo. Ao mesmo tempo, a levou a escrever no formato de ensaios, indicando compartimentos ao invés de uma linha linear de raciocínio. Isso não significa afirmar que Arendt se moveu de modo nômade entre seus textos, chegando a cada assunto do zero e saindo dele como algo sem ressonâncias. Muito pelo contrário, a técnica de compartilhamento se dirige apenas na execução e não sobre o conteúdo. Arendt abordou diferentes questões na década de 1950, tais como liberdade, política, autoridade e *vita activa*, sem abrir mão de noções basilares como pluralidade, ação e narrativa, mantendo fios condutores de seus pensamentos ao longo dos ensaios. Dessa forma, camadas de conteúdo se formaram sobre um espaço sólido de entendimento.

---

<sup>2</sup> Em 1956, Arendt buscou financiamento para a publicação de ambos os livros na *Rockefeller Foundation*.

Conforme Kristeva (2002, p. 88) argumenta, a narrativa de Arendt foi pautada em narratemas que são “sequências narrativas breves que condensam ou metaforizam o testemunho pessoal de uma experiência histórica”. Os narratemas têm por base a própria experiência de Arendt e suas inquietações, havendo uma seriedade de interesses e fontes de fomento, como a ascensão do totalitarismo e a tentativa de compreender o mundo.

A década de 1950 marcou para Arendt também uma explosão de convites para ministrar seminários, palestras e cursos em diferentes universidades. Iniciou no colégio *College* da Universidade de Columbia, depois passou para *New School for Social Research*, passando por universidades como *Rand, Berkeley e Yale, Chicago* (KRISTEVA, 2002, p. 108). Um ano após a publicação de *A condição humana*, em 1959, foi convidada pela Universidade de *Princeton* para ministrar um curso, sendo a primeira mulher a realizar esse feito na instituição (BRUEHL, 1997). Somado a esse destaque, ela foi a primeira mulher a ministrar os *Christian Gauss Seminars*.

Com a expansão acadêmica nos anos 1950, Arendt após a publicação de *Entre o passado e o futuro* em 1961 e do livro *Eichmann em Jerusalém* em 1963, tornou-se uma pensadora com projeções internacionais. Como afirma Lafer (2001, p. 11), em uma de suas lembranças de Arendt, em 1965 em um curso na *Universidade de Cornell*, Arendt “era uma personalidade conhecida, mas controvertida, presente na vida universitária e intelectual norte-americana, tendo já transposto os círculos acadêmicos”. Somado a isso, nos anos 1960 despontam no Brasil estudiosos entusiastas de sua obra como Marcílio Marques Moreira, José Guilherme Merquior, Hélio Jaguaribe, Tércio Sampaio Ferraz Jr., Miguel Reale e Antônio Candido.

Tanto nos anos de 1950 e 1960, Arendt manteve o modelo de elaboração próprio de seu pensamento. Sua obra, antes de se tornar livro, aparecia primeiramente em ensaios publicados em periódicos. O primeiro jornal no qual Arendt trabalhou em 1941 nos Estados Unidos foi o germanófono *Aufbau*, o qual era distribuído a refugiados de linha alemã no mundo inteiro (HABERLEIN, 2021, p. 129). Posteriormente, os ensaios de Arendt apareceram, principalmente, nos periódicos *Partisan, Jewish Social Studies, Review of Politics e Commentary*<sup>3</sup>. Chamamos a atenção, em especial, para o livro *Entre o passado e o futuro* que foi fruto da compilação de seis ensaios esparsos no verão de 1957 (ADLER, 2007, p. 278). Ao passo, em 1968 Arendt acrescentou

---

<sup>3</sup> A grande maioria está reunida nas obras póstumas como: *Escritos judaicos, The Jew as Pariah, Lectures on Kant's political philosophy, Essays in Understanding 1930-1954 e O que é política?*

*Verdade e política e A conquista do espaço e a estatura humana*. Sendo essa a versão e o primeiro livro traduzido para o português em 1972 por iniciativa de Celso Lafer com revisão de Octavio Paz. Lafer (2018b) também escreveu o prefácio do livro da edição brasileira.

No prefácio, Lafer (2018b, p. 121) indica que o livro é um interessante ponto de partida para os leitores arendtianos, pois nele está contido de modo disperso todos os temas da obra de Arendt. Isso demonstra um profundo estrato de experiência no qual Arendt reuniu, no instante fugas do seu agora, diferentes experiências de forma consciente e inconsciente. Ao passo, indica que o narrador arendtiano (sinônimo de contador de histórias e *storyteller*), mostra como “se movimentar neste complexo impasse que traduz todo o alcance da lacuna entre o passado e o futuro e que equivale à perda da sabedoria, é o objetivo da reflexão política de Hannah Arendt” (LAFER, 2018b, p. 129).

Já o livro *A condição humana*, de acordo com Lafer (2018a, p. 94), visa “restaurar, recuperar e resgatar o espaço público que permite, pela liberdade e pela comunicação, o agir conjunto, e com ele a geração do poder, é o grande tema unificador da reflexão” de Arendt. Ao passo, acrescentamos ao apontamento de Lafer que Arendt visava discorrer sobre a singularidade e pluralidade do sujeito. Em ambos os livros, Arendt abordou os diferentes assuntos com base em fios condutores, sendo o contador de história um desses. Ao passo, quando analisamos *A condição humana* (2019) e *Entre o passado e o futuro* de modo conjunto, focamos na questão da seriedade de informações e na posição direta das fontes com relação ao nosso tema de pesquisa.

### **O contador de histórias e seu intuito**

Para Hannah Arendt, os seres humanos são seres finitos, por possuírem uma vida finita, sendo seres mortais. De acordo com Arendt (2019, p. 119), “a principal característica dessa vida especificamente humana, cujo aparecimento e desaparecimento constituem eventos mundanos, é que ela é plena de eventos que no fim podem ser narrados como uma história [*story*] e estabelecer uma biografia”. Viver é participar do mundo e engendrar acontecimentos que se configuram como histórias que posteriormente poderão ser contadas no formato de biografia.

Com a recém chegada de um novo ser humano, nasce novamente a possibilidade do novo e se renova a mortalidade da vida. De acordo com Arendt (2016b, p. 71), a mortalidade é “mover-

se ao longo de uma linha retilínea em um universo onde tudo, se é que se move, se move em uma ordem cíclica”. A ordem cíclica é o tempo da natureza, remetendo a uma denominação da concepção de história clássica grega. O tempo da natureza é visto como cíclico, pois, tudo que nele se encontra permanece imortal. Diferente do tempo da natureza, o tempo dos assuntos humanos é retilíneo, um tempo finito (nascimento e morte) colocado sob um tempo infinito (passado e futuro).

De acordo com a pensadora, “apenas porque o homem se insere no tempo, e apenas na medida em que defende seu território, o fluxo indiferente do tempo parte-se em passado, presente e futuro” (ARENDDT, 2016a, p. 37). Com isso, podemos considerar que para Arendt, as instâncias temporais básicas para nossa historiografia atual, nascem com o sujeito e permanecem apenas na medida que agem. Folgueral (2020, p. 22) indica que, se para Arendt o tempo histórico advém com o homem, juntamente com ele advém a história. Destarte, Arendt ao afirmar que o homem introduz as instâncias temporais basilares, acaba por indicar o espaço da história sendo o próprio agir humano.

Ao passo, como afirma Benjamin (2020, p. 50-51) na tese XII “a história é objeto de uma construção cujo lugar é constituído não pelo tempo homogêneo e vazio [da natureza], mas por aquele que vem preenchido pelo tempo-agora”. A concepção de Benjamin da história como cheia do “tempo-agora”, ilumina a concepção de Arendt do tempo histórico, como sendo aquele repleto do instante do agora que afirmaria a ação em curso. A compatibilidade de linhas discursivas de Benjamin com Arendt se deve muito ao espaço de experiências de ambos. Arendt foi a responsável por levar as teses sobre o conceito de história de Walter Benjamin para os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e as entregá-las para Adorno as publicarem. Arendt decorou todas as teses e as incorporou em suas reflexões, nunca deixando de citar seu amigo Benjamin.

Retomando ao nosso foco, na medida que os sujeitos agem e falam entre iguais, cada um revela sua singularidade e identidade. A ação é a pedra de toque dessa distinção entre iguais. Por mais que almeje a distinção, ela não pode ser individualizada ou solitária. De acordo com Arendt (2019), a ação é sempre repartida em dois: entre aquele que inicia, propõe um agir e aqueles que apoiam, que levam a cabo a execução de tal ação<sup>4</sup>. Por conta do seu caráter plural, a ação é

---

<sup>4</sup> Arendt, muito parecida com as análises de Reinhart Koselleck ao aplicar os *estratos de tempo*, resgata os *Indikator* do verbo grego agir, sendo respectivamente *archein* (começar, liderar e governar) e *prattein* (atravessar, realizar e acabar). Arendt indica que ambos os verbos correspondem no latim aos verbos *agere* (pôr em movimento e liderar) e *gerere* (conduzir). Ao buscar as experiências contidas nos verbos, Arendt (2019, p. 234) afirma que “é como se toda ação

imprevisível. Arendt afirma que “a ação, do ponto de vista dos processos automáticos que aparentemente determinam a trajetória do mundo, parece um milagre”, em decorrência de seu caráter incerto e imprevisível.

Schittino (2010, p. 193) comenta que “a ação arendtiana nunca é simplesmente mera realização de uma intenção. Arendt acredita que a ação é sempre um acontecimento inesperado. Um evento que irrompe como um milagre”. Importante afirmar que o milagre para Arendt está descarregado de seu sentido religioso e tem o intuito de fazer uma crítica aos sistemas de pensamento processuais e deterministas, como a história positivista e a estruturalista. Ao passo, Folgueral (2020, p. 24) comenta que “a imagem dos milagres na obra arendtiana diz respeito justamente ao momento em que o novo eclode e dá início à outra temporalidade que não se inscreve no tempo de consumo da vida biológica”. Noutras palavras, a ação é sempre um novo agir e, como tal, introduz novamente as instâncias passado, presente e futuro, pois seu referencial passa ser o tempo-agora da ação.

A eclosão do novo via ação, resulta em acontecimentos que são em seu cerne frágeis perante o tempo. Arendt (2019, p. 67) comenta que o mundo/espço público não pode ser construído no passar de uma geração e planejado somente pelos/para os que estão vivos, o mundo necessita de duração. As ações e discursos formam o mundo e necessitam de durabilidade. Frente a isso, Arendt (2019, p. 216) comentou:

os homens que agem e falam necessitam da ajuda do *homo faber* em sua capacidade suprema, isto é, da ajuda do artista, dos poetas e historiadores, dos construtores de monumentos ou escritores, porque sem eles o único produto da atividade dos homens, a estória que encenam e contam, de modo algum sobreviveria.

A solução de Arendt está embasada na solução poética homérica (ARENDR, 2016b), a qual por meio da poesia e do contador de estórias, conseguiram dotar os acontecimentos, ações e falas, antes precíves, de durabilidade. Dentre o rol de possibilidades para dotar um acontecimento de durabilidade, os artistas, poetas, escritores e historiadores têm em comum o uso da narrativa, podendo ser considerados todos como contadores de estórias.

---

estivesse dividida em duas partes: começo, feito por uma só pessoa, e a realização, à qual muitos se associam para ‘conduzir’, ‘acabar’, levar a cabo o empreendimento”.

O contador de estória nasce como sujeito, ou seja, um mortal que engendra acontecimentos e possui uma biografia. De acordo com Arendt (2019), o contador de estória é ao mesmo tempo um *homo faber*, devido sua característica da narração, e um homem de ação, por participar na *teia dos assuntos humanos*. Devido a peculiaridade e a potencialidade do contador de estória, ele foi convocado para “salvar um acontecimento e afirmá-lo como documento/monumento” (BREPOHL, 2008, p. 11).

Os homens na medida que agem e falam deixam pelo caminho estórias, sendo essas o único produto da ação/falar (ARENDR, 2019). Corroborando com perspectiva, Arendt indica que “embora todos comecem a própria vida inserindo-se no mundo humano por meio da ação e do discurso, ninguém é autor ou produtor de sua própria estória de vida”. Dessa forma, o contador de estória se mostra como sujeito fundamental para a revelação do *quem*, da singularidade e identidade de cada sujeito, uma vez que o próprio ator não é seu biógrafo. A “ação [do ator] só se revela plenamente para o contador de estória [*storyteller*], ou seja, para o olhar retrospectivo do historiador que realmente sempre sabe melhor o que aconteceu do que os próprios participantes” (ARENDR, 2019, p. 238). O olhar retrospectivo não implica em uma superioridade do narrador sob o ator, mas se trata de focos diferentes. O ator está preocupado com a condução da ação e seus desdobramentos, enquanto que o narrador foca no que estava oculto para os atores.

Arendt (2016b, p. 112) reforça que o olhar retrospectivo não está voltado para as concepções de escrita da história de Hegel e Vico, no qual o historiador de modo contemplativo descartaria os “desígnios estreitos” dos homens em ação, focando assim nos “desígnios superiores”, ou seja, a mão/espírito que move os homens sob suas costas. Ao passo, Arendt (2016b, p. 124) abre uma crítica aos historiadores de seu tempo que viam como possível buscar e atingir de modo objetivo um fato, acontecimento ou ideia. Arendt comenta que “aquilo que o contador de estória narra deve necessariamente estar oculto para o próprio ator, pelo menos enquanto este último estiver empenhado no ato ou enredado em suas consequências, pois, para o ator, a significação do ato não está na estória que dele decorre” (ARENDR, 2019, p. 238). Isso levou Aguiar (2001, p. 219) a constatar que “o *storyteller* convida o ouvinte ou leitor a penetrar nas várias facetas de um acontecimento”. Ao passo “o *storyteller*, o mergulho na espessura da experiência, só é possível com a ativação da capacidade de associar e rememorar, isto é, do pensar” (AGUIAR, 2001, p. 224). É uma narrativa pensada que mergulha na experiência, ao invés da pura descrição dos fatos. Devido

focar na experiência, Rosanvallon (2010) indicou Arendt como um dos fundamentos para sua história filosófica do político, pelo caráter de atrelar pensamento a experiência, deixando a história multifacetada, uma vez que a experiência não é objetiva ou única.

O contador de estória de Arendt se assemelha nesse sentido ao historiador da tese XV de Benjamin (2020, p. 61), o qual “aprende a constelação [experiências], na qual sua própria época entra em contato com uma época anterior, totalmente determinada. Ele funda assim um conceito de presente como o ‘tempo-agora’”. O tempo do contador de estória é o tempo do encontro das experiências passadas no tempo presente do próprio.

Dessa forma, o contador de estória arendtiano não se distancia do contador de histórias de Benjamin (2018, p. 57) que “assimila ao que tem de mais intimamente seu aquilo que aprendeu por ouvir dizer”. Brepohl (2008, p. 11) faz notar que esse contador se aproxima do historiador que “como uma criança de sete anos na idade dos porquês” se dirige como inquirido ao que ouviu, viu e leu. Mantém assim a experiência por meio da linguagem e das fontes, mas não necessariamente se baseia em sua experiência vivida.

A questão da experiência vivida pelo contador é deveras importante. Arendt (2016a, p. 37) afirma que “nas palavras de Faulkner: ‘o passado nunca está morto, ele nem mesmo é passado’”. Ao passo, o narrador é também um ator em seu contexto (ARENDR, 2019). Destarte, podemos considerar que Arendt vê um hiato, uma lacuna, no qual o contador de estórias, por mais que não foque em suas experiências vividas, não abre mão de seu presente, pois o passado que investiga se faz presente, não estando o “passado morto” e dissociado do presente do contador. Essa posição se assemelha ao objetivo de Rosanvallon (2010, p. 44) que é “entender como uma época, um país ou um grupo social tenta construir respostas para aquilo que, com maior ou menor precisão, elas percebem como um problema”. Assim, fragmentos da escrita da história de Arendt repercutem em historiadores contemporâneos, como Rosanvallon, que por mais ligado que esteja a *Escola dos Annales*, mantém ligações com o pensamento arendtiano.

### **O contador de estória no contexto da ruptura**

O contador de estória se ocupa com as estórias produzidas pela ação e discurso. Arendt (2016b, p. 72) aponta que os homens “interrompem o movimento circular da vida diária no mesmo sentido em que a *bíosis* retilinear dos mortais interrompe o movimento circular da vida biológica. O tema da História são essas interrupções – o extraordinário”. A História enquanto disciplina, área de estudo ou coletivo-singular (nas definições koselleckianas) possui em seu meandro as estórias individuais que se formam como milagre, sendo consideradas por Arendt como extraordinárias. Como indica Brepohl (2008, p. 1), Arendt recusa “o desaparecimento do sujeito em virtude das pesadas estruturas que condicionariam ou mesmo subordinariam a consciência” e, acrescentamos, esconderiam as ações singulares dos sujeitos.

Dessa forma, o conteúdo da narrativa que o contador de estória produz são as estórias. Ao passo, as estórias quando reificadas em história, são dotadas de durabilidade. Aprofundando essa colocação, indicamos que a ponte de ligação entre estória vivida e a história narrada é a lembrança.

De acordo com Hannah Arendt (2019, p. 111) “a lembrança prepara o intangível e o fútil para sua materialização final”. Noutras palavras, prepara as estórias para serem narradas. O uso da lembrança é deveras importante, pois, de acordo com Arendt (2019, p. 117), “sem a lembrança e sem a reificação de que a lembrança necessita para sua realização, as atividades vivas da ação, do discurso e do pensamento perderiam sua realidade ao fim de cada processo e desapareceriam como se nunca houvessem existido”. A reificação apontada por Arendt é a narrativa que torna tangível as estórias. O procedimento realizado pelo contador de estórias, via lembrança como ponte entre o passado vivido e o passado presente, vai ao encontro da tese V de Benjamin (2020, p. 36), a qual afirma que “articular o passado historicamente não significa conhecê-lo ‘como ele foi de fato’. Significa apoderar-se de uma recordação, tal como ela relampejou no instante de um perigo”. Benjamin realizava uma crítica ao historicismo e, em especial, a Rank de buscar conhecer o passado como realmente ocorreu. Todavia, sua tese ilumina a colocação de Arendt de que a lembrança age como ponte que retém o passado e quando reificada em narrativa, salva o acontecimento do instante de perigo/esquecimento.

A reificação da lembrança em narrativa pelo contador de estória gera, segundo Arendt (2016a) o acabamento. Devemos lembrar que a ação permanece ressonante para além do instante que a narrativa concretiza sua tangibilidade na escrita. A ação, de forma extraordinária, continua a

ecoar por anos, como indicado por Arendt (2019) sobre o conceito de *política*, nascido entre os gregos no século V a. C. que ainda repercute, com modificações, no tempo hodierno. Por isso, Arendt preferiu o termo acabamento ao invés de “conclusão”.

Segundo Arendt (2016a), o acabamento é a narrativa do acontecimento que acontece no momento que o passado vivido se faz presente no instante narrativo, dotando de durabilidade e sentido a estória vivida. De acordo com Folgueral (2020, p. 29) “ela [a narrativa] pode ser retomada como uma forma de se conciliar com o passado e atribuir significado aos acontecimentos”. A indicação de “conciliar o passado” é interessante para percebermos outra característica do acabamento.

Se temporalizarmos e ampliarmos a ótica sobre o passado-presente e o presente do passado, podemos indicar que existe um choque de presentes, o presente do narrador com o presente do passado. Porém, o presente do passado, ainda assim é passado, mesmo que ressoe no nosso presente. Assim, o acabamento narrativo age como reconciliador, pois incorpora o que passou em nosso tempo, mantendo o passado vivo em nós, conciliando o passado e o presente.

Todavia, Hannah Arendt chama atenção em sua obra para uma cisão que ocorreu entre o passado e o futuro e está situada no presente do sujeito que age. Segundo Arendt (2016a, p. 32) “aquilo que Char chamara ‘acabamento’ do ato e do acontecimento, se esquivara também de si”, ou seja, desaparecerá. Em outra passagem, Arendt (2016a, p. 31-32) comenta que:

O ponto em questão é que o ‘acabamento’ que de fato todo acontecimento vivido precisa ter nas mentes dos que deverão depois contar a história e transmitir seu significado deles se esquivou, e sem este acabamento pensado após o ato e sem a articulação realizada pela memória, simplesmente não sobrou nenhuma história que pudesse ser contada.

Arendt constata o desaparecimento do acabamento, ou seja, a perda da capacidade de transmitir significado de uma geração para outra. Isso, segundo a pensadora, indica uma ruptura entre o passado e o futuro. Muito próximo de Arendt, Benjamin (2018, p. 26) vê no indivíduo solitário do século XVII e XVIII o local de nascimento do romance e a derrocada do conto. Com isso, Benjamin indica a perda de experiências, pois no romance o narrador descreve e explica, ao invés de conservar o enigmático da experiência dos acontecimentos. De acordo com Benjamin (2018, p. 28) “cada manhã nos informa acerca das novidades do globo terrestre. E mesmo assim somos pobres em histórias dignas de nota. A razão é que nenhum fato mais nos atinge sem estar

cercado de explicações”. Noutras palavras, não há espaço para a reflexão e interpretação dos acontecimentos, pois eles vêm carregados de explicações e informações objetivas. Interessante como Arendt e Benjamin possuíam um horizonte de expectativa fértil, pois realizaram tais constatações em um período que as inteligências artificiais e de navegações na *web* estavam engatinhando.

A constatação de ruptura por Arendt não se restringe à prática do acabamento. Segundo a pensadora, ao refletir sobre a fissão do átomo em seu espaço de experiência, indica que “introduzimos a natureza no mundo humano como tal, obliterando as fronteiras defensivas entre os elementos naturais e o artefato humano nas quais todas as civilizações anteriores se encerravam” (ARENDR, 2016b, p. 92). Com isso, Arendt aponta para o rompimento de linhas básicas que mantinham a estabilidade do mundo, a separação entre natureza e os assuntos humanos. Com o rompimento dessa linha, a instabilidade e imprevisibilidade da ação foram introduzidas na natureza. A fissão do átomo, antes um evento natural, se tornou possível pelo fazer humano, logo, suas repercussões são imprevisíveis, gerando sérios receios quanto ao futuro do mundo.

Arendt aponta para outro evento que indica a ruptura, o surgimento do Existencialismo. Segundo Arendt (2016a, p. 35), o Existencialismo desponta:

Quando o homem moderno começou a despertar para o fato de ter chegado a viver em um mundo no qual sua mentalidade e sua tradição de pensamento não eram sequer capazes de formular questões adequadas e significativas, e, menos ainda, dar respostas às suas perplexidades. Neste momento crítico, a ação, com seu envolvimento e compromisso, seu engajamento, parecia abrigar a esperança, não de resolver quaisquer problemas, mas de fazer com que fosse possível conviver.

O Existencialismo desponta da constatação de incapacidade de formular questões e obter respostas significativas para os problemas que se apresentavam. Os exemplos que Arendt dá para indicar a ruptura se multiplicam, mas, por fim, indicamos como último, o fenômeno totalitário. De acordo com Lafer (2018a, p. 83), foi o fenômeno totalitário que gerou a consciência e a percepção da ruptura em Arendt. A inversão da lógica que fundamentou a civilização ocidental, o “não matarás” e o “não levantais falso testemunho” foram invertidas. Mas, o que de fato rompe entre o passado e o futuro?

O que se rompe é a transmissão de conhecimento e experiências de geração para geração. Entre uma geração e outra, assim como na temporalidade, entre o passado e o futuro, existe um

hiato entre ambas, o qual Arendt denomina de “lacuna”, sendo um dado natural. Segundo Arendt (2016a, p. 40), “esta lacuna foi transposta por aquilo que, desde os romanos, chamamos de tradição”. A lacuna é um fato intangível, não possuindo um espaço físico ou tempo definido.

Havíamos situado a lembrança como ponte entre a estória vivida e a narrativa formulada pelo contador de estórias. Destarte, a lembrança está situada nessa faixa, não espacial e intemporal, que é a lacuna de uma geração para outra. De acordo com Arendt, a tradição, seja pela lembrança, seja pela narrativa, transpôs esse abismo. Ao passo, dotou de durabilidade os feitos humanos. Arendt (2016a, p. 31) afirma que sem a tradição “parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e, portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo das criaturas que nele vivem”. A tradição é a condução das experiências no tempo de modo consciente.

Com os acontecimentos contemporâneos de Arendt, os quais não podiam ser explicados pela moral e ética advinda da tradição, o que se “desaparece em Arendt no mundo moderno é a tradição. [...] A tradição é uma forma de se relacionar com o passado cada vez menos presente durante o século XX” (FOLGUERAL, 2020, p. 29). Esse desaparecimento, implicou para Lafer (2018b, p. 122) na perda de sabedoria. Ao mesmo tempo, para Benjamin (2018, p. 20) essa ruptura gerou a sensação nas pessoas que haviam “sido privados de uma faculdade que nos parecia inalienável, e era a mais segura entre todas: a faculdade de trocar experiências”. O esfacelamento da tradição implicou então na perda de sabedoria e da troca de experiências.

Arendt (2016a, p. 40) constatou que:

Quando, afinal, rompeu-se o fio da tradição, a lacuna entre o passado e o futuro deixou de ser uma condição peculiar unicamente à atividade do pensamento e adstrita, enquanto experiência, aos poucos eleitos que fizeram do pensar sua ocupação primordial. Ela tornou-se realidade tangível e perplexidade para todos, isto é, um fato de importância política.

A lacuna antes intangível, se tornou tangível com o rompimento da tradição. A importância política ressaltada por Arendt (2016a, p. 32) pode ser compreendida quando ela cita Tocqueville que afirmou “Desde que o passado deixou de lançar sua luz sobre o futuro, a mente do homem vagueia nas trevas”. Arendt prefere “vagueia” ao invés de “caminhar”, o que indica um estado de desorientação do sujeito em seu tempo. Ao passo, as travas representam a incerteza sobre os

rumos/perguntas/respostas que o sujeito deve tomar diante das perplexidades de seu tempo, o que pode gerar desastres ao mundo.

Frente a esse cenário, o contador de estórias arendtiano toma a dianteira, não como um encarregado de reatar o fio da tradição rompido, mas como responsável em iluminar o acontecimento passado que fará lançar flashes sob o sujeito desorientado. De acordo com Aguiar (2001, p. 216) “quando o pensamento e a realidade se apartam, segundo Arendt, contar ‘estórias’ é o meio mais apropriado de remeter-nos à realidade que os nossos conceitos abstratos não são mais adequados para penetrar e iluminar”. As estórias refletem flashes capazes de fornecer alguma forma de guia que as teorias e as práticas de outrora não podem mais. O contador de Arendt não almeja então iluminar o presente, mas se dirigir ao passado que quando iluminado pelo próprio acontecimento, lança luz sobre o presente. Posicionamento que ainda repercute na historiografia. Rosanvallon é um exemplo interessante dessa continuidade. De acordo com o historiador, “o que é interessante na história do passado é sua capacidade de lançar luz sobre o presente” (ROSANVALLON, 2010, p. 53). Rosanvallon com esse posicionamento se aproxima da *Primeira geração dos Annales*, contemporâneos de Arendt, mas nunca citados por ela.

### **O contador de estória e a lacuna**

O contador de estória almeja fazer relampejar das suas narrativas, flashes de luz sobre o presente. Ao passo, o contador possui um olhar retrospectivo, visa salvar os acontecimentos de sua corrosão do tempo e, por meio da memória/narrativa, legar experiências para o futuro. Esses objetivos foram embaralhados com a constatação da ruptura da tradição. O passado deixou de ser um local seguro para responder às inquietações e formular as problemáticas adequadas para os problemas contemporâneos e futuros. Ao passo, as narrativas do contador de estória também deixam de fazer sentido e com isso o acabamento não é realizado. Perde-se tanto a estória como a história.

Porém, afirmamos há pouco que o contador de estória toma a dianteira frente a ruptura. A razão para isso decorre do fato de Arendt encontrar na lacuna escancarada um local propício para manter e ampliar certas características do contador. Destarte, devemos aprofundar nosso

entendimento da compreensão de Arendt de lacuna. Para isso, as passagens que Arendt cita e interpreta a parábola *He* de Frank Kafka, são significativas.

A “imagem-pensamento” empregada por Arendt para descrever essa lacuna foi a parábola *He* de Frank Kafka, no qual *ele* luta contra dois adversários que também lutam entre si, havendo assim três lutas simultâneas. O primeiro está nas costas *dele* enquanto o segundo *à sua* frente. O “primeiro ajuda-o na luta contra o segundo, por empurrá-lo para frente, e, do mesmo modo, o segundo o auxilia na luta contra o primeiro, uma vez que o empurra para trás” (ARENDDT, 2016a, p. 33). Nesse embate, o sonho do *ele* é em “alguma ocasião, num momento imprevisto – e isso exigiria uma noite mais escura do que jamais foi nenhuma noite –, saltar fora da linha de combate e ser alçado, por conta de sua experiência de luta, à posição de juiz sobre os adversários que lutam entre si (ARENDDT, 2016a, p. 33).

Arendt (2016a, p. 36) interpreta que “a cena é um campo de batalha no qual se digladiam as forças do passado e do futuro; entre elas encontramos o homem que Kafka chama de ‘ele’, que, para se manter em seu território, deve combater ambas”. Dessa forma, Folgueral (2020, p. 20) comenta que para Arendt “não há um caminho do passado para o futuro, mas sim uma lacuna na qual o homem se situa”. Ao mesmo tempo, Arendt (2016a, p. 37) afirma que “a posição ‘dele’ [ref. a parábola] não é o presente, na sua acepção usual, mas, antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças à ‘sua’ luta constante, à ‘sua’ tomada de posição contra o passado e o futuro”.

Destarte, Arendt indica via parábola de Kafka que o tempo e a lacuna surgem com o homem, pois sem a presença do homem (*ele*) as forças do passado e do futuro (os adversários) ter-se-iam neutralizado, uma vez que não a diferença de força entre ambos. Observamos que Arendt assim reatualiza, graças a seu espaço de experiência da antiguidade, a antiga diferença entre tempo da natureza e tempo dos assuntos humanos. Mesmo o homem trazendo ao mundo a divisão temporal, a lacuna não está situada no presente, mas sim no momento de embate entre as forças do passado e do futuro. É uma percepção de momento intemporal, percebida no momento do pensar.

Outra característica exposta pela parábola está na atenção que Arendt dá aos adversários, o caracterizando como forças temporais. Segundo Arendt (2016a, p. 37) “esse passado, além do mais, estirando-se por todo seu trajeto de volta à origem, ao invés de puxar para trás, empurra para frente, e, ao contrário do que seria de esperar, é o futuro que nos impele de voltar ao passado”. Arendt

dota o passado de força ao invés de indicá-lo como um fardo, como usualmente era visto nas correntes historiográficas pautadas na ideia do progresso inevitável.

A percepção de Arendt, via Kafka, vai ao encontro da tese VII de Benjamin, a descrição do *Angelus Novus* de Klee ou o Anjo da História. De acordo com Benjamin (2020, p. 39), o Anjo volta seu olhar para o passado. A visão que tem é de uma catástrofe única, na qual a pilha de escombros não cessa de aumentar. O Anjo parte para arrumar esse passado. Porém “uma tempestade sopra do paraíso, que se agarra às suas asas, e é tão forte que o Anjo já não as consegue mais fechar” (BENJAMIN, 2020, p. 39). A tempestade que sopra dos escombros, do passado, empurra o Anjo que estava caminhando para lá, a se dirigir para frente, ou seja, para o futuro. Notamos que não é o futuro que não deixa o Anjo regressar ao passado, mas o próprio passado que empurra o Anjo para o futuro. Destarte, tanto Benjamin, quanto Arendt, recusam a noção de tempo linear, em favor da identificação do passado como um tempo que é evocado ou assalta o tempo presente, precisamente num momento de perigo (BREPOHL, 2008, p. 9). Arendt recusa, como Benjamin, o passado quanto fardo e o futuro quanto progresso inevitável. O Anjo da História de Benjamin, auxilia a compreensão do *ele* de Arendt, como aquele que está entre, na lacuna de um embate de forças antagônicas. O espaço de experiência de Arendt ultrapassa a parábola de Kafka e mantém ligações com o Anjo da História de Benjamin.

Contudo, Arendt recusa o salto fora do embate desejado pelo *ele* de Kafka. Ela comenta que seria necessária “uma noite mais escura que qualquer outra” já vista, indicando assim a dificuldade de sair completamente dessas circunstâncias temporais. Devido a essa contestação, Arendt propõe a visão de uma força diagonal. Essa força “seria limitada no sentido de sua origem, sendo seu ponto de partida o entrechoque das forças antagônicas [passado e futuro], seria, porém, infinita quanto a seu término, visto resultar de duas forças cuja origem é o infinito” (ARENDR, 2016a, p. 38). Observamos que Arendt aprofunda a parábola de Kafka, pois para ela o salto significava sair dos assuntos humanos, como os filósofos desejaram por tantos anos, permanecer no *Mundo das Ideias*. Para Arendt, o sujeito não pode abandonar suas próprias experiências. Rosanvallon (2010, p. 51) comenta que para Arendt ““o próprio pensamento emerge de incidentes da experiência viva e a eles deve continuar vinculado, na medida que são os únicos guias de quem é possível obter orientação””. Assim, a lacuna é o pensamento que não salta, mas permanece ligado às experiências vivenciadas.

Nessa força diagonal, o contador de estórias “teria encontrado um lugar no tempo suficiente afastado do passado e do futuro para lhe oferecer a ‘posição de juiz’, da qual poderia julgar com imparcialidade as forças que se digladiam (ARENDDT, 2016a, p. 39). Dessa forma, a escrita da história do contador de história foi abalada com a ruptura da tradição. Mas, o espaço da lacuna, esse espaço da reflexão, do pensamento, no qual o contador de estória pode percorrer sem se distanciar do seu presente, fornece um espaço para manter o olhar retrospectivo e elaborar juízos imparciais sobre a história. Essa busca de juízos imparciais, mas atrelados aos problemas, é a solução proposta para superar a ruptura da tradição. O contador de estória se voltaria para um julgamento imparcial, não somente do passado que vêm perdendo sentido para o presente, mas para o próprio agora.

Nossas considerações sobre a lacuna e o contador de estória arendtiano, podem parecer aos olhos do leitor, uma “história do tempo presente” (HTP). De acordo com Dosse (2012, p. 6), a HTP está situada na interseção entre o presente e o passado de longa duração. Corroborando com essa visão, Padrós (2004, p. 200), com base em Hobsbawm, definiu a HTP como “a história do nosso próprio tempo, do próprio tempo de vida do historiador”. Tanto Padrós, quanto Dosse, indicam a HTP como o próprio tempo de vida do historiador. Referem-se aos acontecimentos que estão em curso.

Segundo Dosse (2012, p. 17) “O presente do passado, é a memória, o presente do presente, é a visão, o presente do futuro, é a espera’, de onde surge um triplo presente que dá lugar a uma abordagem de um tempo íntimo, psicológico”. A HTP é então a junção de três presentes e da comunhão da memória, visão e espera. Dessa forma, o historiador está situado no tempo presente e analisa acontecimentos de seu próprio tempo. Todavia, Hannah Arendt se distancia de alguns pontos básicos da HTP nas fontes analisadas. Para Arendt, não existe ato finalizado, então toda ação, por mais que receba um acabamento quando narrada, continua a ressoar no futuro. Dessa forma, toda história é uma história que trabalha com facetas que se renovam, multiplicam e estão inacabadas, não sendo uma característica unicamente da HTP. Outro ponto, o contador de estória não está situado no presente, mas na lacuna. Arendt não é uma historiadora do tempo presente se seguirmos como pressupostos as indicações de Dosse e Pádros, ressaltando que nossa afirmativa está calcada em um número seletivo de fontes. Mas, ela pensa e narra a história no tempo presente,

preocupada com seus assuntos; busca no passado os flashes que orientaram suas inquietações, não se restringindo a uma instância temporal o ocorrido.

A escrita da história de Arendt, pode se assemelhar mais a abordagem interativa e compreensiva da história filosófica do político descrita por Rosanvallon (2010). Segundo o historiador, é “interativa, pois ela consiste em analisar o modo pelo qual uma cultura política, suas instituições e eventos interagem para estabelecer formas políticas mais ou menos estáveis” (ROSANVALLON, 2010, p. 48). Ao mesmo tempo que é “compreensiva, porque seu objetivo central é apreender uma questão situando-a no contexto de sua emergência” (ROSANVALLON, 2010, p. 48). Dessa forma, a história filosófica do político analisa como um conceito/cultura política se formou, sobrevive e ressoa pela cultura. Arendt também realiza esse olhar retrospectivo com vistas a problemas que ressoam no seu presente. Sua busca é sempre compreender o ocorrido por meio das histórias, ou seja, pelo próprio acontecimento ao invés de teorias. Isso aproxima Arendt de Rosanvallon. Novamente indicando diálogo entre as escritas da história distintas temporalmente e espacialmente.

### **Considerações finais**

Partimos com a hipótese que as características do contador de histórias, presente nas fontes investigadas, continham fragmentos significativos para o desdobramento da escrita da história de Hannah Arendt. Com isso, problematizamos quais as características desse contador e suas contribuições para a compreensão da escrita da história da autora.

Constatamos que para Arendt, as instâncias temporais (passado, presente e futuro) nascem com o sujeito e permanecem na medida que agem. Com isso, retoma a diferença grega de tempo da natureza e tempo dos assuntos humanos. Os sujeitos introduzem a ruptura no tempo circular da natureza. Com os homens, a mortalidade ganha vida e também o tempo linear finito. Dessa forma, a escrita da história é uma escrita pautada no tempo dos assuntos humanos, não sendo circular ou progressiva.

No decorrer das vidas mortais, os sujeitos engendram acontecimentos e produzem histórias. As histórias são os produtos da ação e do discurso, as quais constituem o conteúdo da narrativa do

contador. Destarte, a escrita da estória teria o mesmo embasamento. Ao invés de ser calcada em estruturas ou teorias, a escrita de Arendt almejaria os sujeitos, em suas singularidades próprias.

A ação constitui o núcleo das estórias, logo, da narrativa do contador. Com a ação, o novo aparece no mundo. Porém, Arendt observa que ações e discursos são frágeis perante o tempo, necessitando do contador de estória para dotá-los de durabilidade. Com isso, podemos considerar que a escrita da história tem o intuito de salvar os acontecimentos do esquecimento.

Outra questão interessante é que o ator engendra ações e discursos, mas não é autor de sua própria biografia. Isso implica em afirmar que para Arendt, todo ator necessita de um contador de estórias, o qual será um biógrafo. Para Arendt essa é uma questão de foco. O ator está preocupado com a condução da ação, enquanto o narrador foca no que estava oculto no momento dos atos. Dessa forma, a narrativa do contador é aquela que mergulha nas experiências, ao invés das descrições. Com isso, fragmentos da escrita da história de Arendt despontam como o olhar retrospectivo sendo uma questão de foco. Ao passo, a escrita está voltada para as experiências, indicando uma posição contrária da pura descrição dos fatos.

Arendt evidencia que o contador de estórias, por mais que não foque em suas experiências no momento da narrativa, não abre mão de seu contexto, pois o passado que investiga se faz presente, não estando o passado morto e dissociado do presente do historiador. Dessa forma, a escrita da história de Arendt está voltada para o passado que se faz presente e inquieta o seu contexto.

A lembrança constitui a ponte entre as estórias vividas e as histórias narradas. O contador de estórias articula o intangível por meio das lembranças para, por meio do processo narrativo, contar uma história. De tal forma que a lembrança é a ponte que liga passado e presente. Destarte, a escrita da história de Arendt vê nela mesma uma reificação do acontecimento, das estórias em história. Ao passo, tem a lembrança como pedra basilar do vivido, antes de sua reificação em narrativa. Arendt indica o acabamento como narrativa desenvolvida pelo contador de estória sobre uma estória. Podemos considerar o acabamento como a escrita da história, que realiza uma narrativa de uma faceta da estória, não concluindo o caso, mas deixando-o em aberto.

Arendt constatou o rompimento da tradição em seu tempo. Esse rompimento significou que as experiências e estórias deixaram de ser transmitidas e de fazer sentido perante os problemas das novas gerações. Também apontou que existe uma lacuna entre o passado e o futuro, a qual foi

preenchida pela tradição que é a capacidade de levar experiências por diversos meios, como a narrativa, monumentos e histórias. Essas questões afetaram o contador de estória, colocando em dúvida a pertinência de suas narrativas.

Arendt notou nesse processo de rompimento a lacuna escancarada entre o passado e o futuro. Observou que a lacuna é o ponto no qual o passado e o futuro se chocam enquanto forças. Ao passo, no seio da lacuna está o homem, responsável por manter esse embate de forças temporais. Arendt reforça sua visão de tempo como força, não considerando o passado como fardo e nem o futuro como progresso inevitável. Ademais, considerou que é o futuro que empurra o sujeito para o passado e o passado empurra o sujeito para o futuro. Com isso, a escrita da história de Arendt detém críticas aos moldes dos paradigmas positivista, historicista, estruturalista e marxista da sua época. Ao mesmo tempo indica que a volta ao passado pela escrita é decorrente aos problemas que o futuro vem colocando.

Por fim, Arendt indica que o contador, face ao rompimento com a tradição passou a se situar na lacuna, a qual caracterizou como terceira força diagonal. Passou a considerá-la como o pensamento, no qual o contador pode elaborar juízos imparciais sobre as estórias. Ao mesmo tempo, esse local está atrelado e somente se chega via reflexão das experiências vividas/relatadas. Com isso, o contador pode iluminar o próprio acontecimento por meio de um olhar retrospectivo imparcial. Dessa iluminação, escapam flashes de experiências que podem clarear o presente do contador. Assim, a escrita da história é uma instância que está situada entre o passado e o futuro; faz parte de uma conduta reflexiva calcada na atividade do pensar; elabora juízos sobre as situações; e não visa iluminar o presente com histórias exemplares, mas iluminar o próprio acontecimento por ele mesmo e disso relampejar flashes sobre seu contexto.

## Referências

ADLER, Laure. *Nos passos de Hannah Arendt*. Trad. Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

AGUIAR, Odilio Alves. Pensamento e narração em Hannah Arendt. In: MORAES, Eduardo Jardim de.; BIGNOTTO, Newton. (Orgs.). *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p. 215-226.

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Revisão técnica e apresentação Adriano Correia. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

ARENDDT, Hannah. A quebra entre o passado e o futuro. In: ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016a, p. 28-42.

ARENDDT, Hannah. O conceito de História – Antigo e Moderno. In: ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016b, p. 69-126.

BENJAMIN, Walter. M HA <Sobre o conceito de História – O manuscrito de Hannah Arendt>. In: BENJAMIN, Walter *Sobre o conceito de história*. Trad. Adalberto Müller e Marcio Seligmann-Silva. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2020.

BENJAMIN, Walter. O contador de histórias: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *A arte de contar histórias*. Trad. Georg Otte, Marcelo Backes e Patrícia Lavell. São Paulo: Hedra, 2018, p. 19-58.

BREPOHL, Marion. Hannah Arendt e suas suspeitas ao método histórico: excelência da ação. *A condição humana: 50 anos*. Curitiba: UFPR, 2008, p. 1-12. Disponível em: [https://www.academia.edu/32007068/Hannah\\_Arendt\\_e\\_as\\_desaven%C3%A7as\\_com\\_a\\_historiografia\\_de\\_seu\\_tempo.pdf](https://www.academia.edu/32007068/Hannah_Arendt_e_as_desaven%C3%A7as_com_a_historiografia_de_seu_tempo.pdf). Acesso em: 08/12/2021.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. Trad. Silvia Maria Fávero Arend. Florianópolis, *Tempo e Argumento*, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan/jun, 2012.

FOLGUERAL, Mariana Amaral. Rupturas na continuidade histórica e ação política: diálogos entre Hannah Arendt e Walter Benjamin. *Trilhas da História*, v. 10, n. 18, p. 17-32, 2020.

HABERLEIN, Ann. *Arendt: entre o amor e o mal: uma biografia*. Trad. Kristin Lie Garrubo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KOSELLECK, Reinhart. Prefácio. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006a, p. 13-18.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: KOSELLECK, Reinhart.. *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006b, p. 305-328.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KOSELLECK, Reinhart.. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

KRISTEVA, Julia. *O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras*. Tomo I Hannah Arendt. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LAFER, Celso. A trajetória de Hannah Arendt. In: LAFER, Celso. *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018a, p. 81-96.

LAFER, Celso. Da dignidade da política. In: LAFER, Celso. *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018b, p. 121-142.

LAFER, Celso. Reflexões de um antigo aluno de Hannah Arendt sobre o conteúdo, a recepção e o legado de sua obra, no 25º aniversário de sua morte. In: MORAES, Eduardo Jardim de.; BIGNOTTO, Newton. (Orgs.). *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 11-34.

PADRÓS, Enrique Serra. Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo Presente. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 199-223, 2004.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história filosófica do político. In: ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. Trad. Christian Edward Cyril Lynch. São Paulo: Alameda, 2010, p. 37-64.

SCHITTINO, Renata Torres. Hannah Arendt e o sentido da história. In: BREA, Gerson.; NASCIMENTO, Paulo.; MILOVIC. (Orgs.). *Filosofia ou política? Diálogos com Hannah Arendt*. São Paulo: Annablume, 2010, p. 185-202.

YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. *Por amor ao mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt*. Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.